

**UM PUB REPLETO DE ESPELHOS: A REPRESENTAÇÃO DE LONDRES,
MOÇÂMEDES (NAMIBE) E OUTRAS CIDADES EM OBRAS DE
RUY DUARTE DE CARVALHO**

**A PUB FULL OF MIRRORS: THE REPRESENTATION OF LONDON,
MOÇÂMEDES (NAMIBE) AND OTHER CITIES IN RUY DUARTE DE
CARVALHO'S WORKS**

Andrea Cristina Muraro¹
USP/FAPESP

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v13n2p19>

RESUMO: Este texto analisa a representação literária da cidade em algumas obras do angolano Ruy Duarte de Carvalho, mais detidamente em *Os papéis do inglês* (2007) e *A terceira metade* (2009). O objetivo é aproximar os dados da experiência do autor, suas inferências relacionadas às dinâmicas históricas na África Austral e o papel das cidades – das metrópoles coloniais de antes às pequenas comunas de hoje – na construção de alguns de seus romances.

PALAVRAS-CHAVE: literatura angolana; Ruy Duarte de Carvalho; representação; cidade.

ABSTRACT: *This text analyses the literary representation of the city in some of Ruy Duarte de Carvalho's works, more specifically Os papéis do inglês (2007) and A terceira metade (2009). Its main purpose is to approximate data extracted from their author's experience, the inferences related to the historical dynamics of Austral Africa, and the role of the cities – from the colonial metropolises of the past to the small communities of our time – in the construction of his novels.*

KEYWORDS: *Angolan Literature; Ruy Duarte de Carvalho; representation; city.*

Várias são as cidades nas obras do angolano Ruy Duarte de Carvalho² (1941-2010). Para constatar, basta ler o costumeiro ziguezague de partidas e chegadas no índice de seus livros. Embora o foco de interesse em suas produções vá dar paragem na zona austral africana, nos povos pastoris, e por essa razão deixa à mostra sua experiência de campo, predominantemente antropológica, o ambiente citadino não é menos importante em sua ficção.

Mesmo assim, pensando no método do autor, o que se procura demonstrar, num primeiro momento a seguir, é que seu ponto de partida está enlaçado a um centro urbano, depositário de muito interesse literário, acadêmico e econômico, embora isso evolua para diversas configurações ao longo de sua produção. Ou seja, a chegada, o destino, geralmente passará por um outro tipo de cidade, que não é um centro hegemônico ou capital de algum

império. Nesse outro tipo, as cidades funcionam como centros, até certo ponto, uma vez que periféricos ou semiperiféricos, servem como via de comércio, geralmente para as questões mais elementares de sobrevivência. Até porque, como bem lembra a antropóloga sul-africana Jean Comaroff, sobre o atual cenário houve uma inversão do equilíbrio:

Estas são cidades que respondem a economias urbanas em transformação, a demandas por trabalho, a condições em modificação da vida doméstica. (...) Cidades no Sul, muitas construídas em condições coloniais, desde há muito tempo tenderam a escapar dos planos imperiais de ordená-las com pequenos núcleos administrativos e grandes periferias desordenadas. Em sua inventividade, flexibilidade e capacidade de se adaptar das populações e a economias em constante mudança, elas sempre estiveram à frente da metrópole urbana, mais formal. E elas são fronteiras também devido às mudanças mais recentes na natureza do capitalismo mundial. O próprio capitalismo moveu suas fronteiras de operação para o que antes eram margens. (COMAROFF, 2011, p. 470-471)

Os argumentos da antropóloga ajustam-se bem a determinadas passagens d'*As paisagens propícias*. O quadro descritivo precede o encontro do narrador com seu protagonista, SRO, o branco da Namíbia.

A cidade de Opuho é uma agreste encosta de construções cúbicas e baixas, cobertas por placas de fibrocimento, alinhadas mas esparsas ao longo dos arruamentos que se entrecruzam segundo vários eixos e apertam a malha nas imediações da estrada de asfalto que acompanha a base de toda essa encosta e ao longo da qual, se alinham as instalações dos serviços oficiais, a veterinária, a administração, a polícia, os correios, o hospital, e as organizações não-governamentais, que ali são muitas, das associações, dos partidos, das igrejas (...) Do outro lado da estrada o que se alinha são bancadas contíguas de comércio informal iguais às que se dão a ver por essa África toda. Só que ali, e é isso que faz a diferença imediata, [os produtos] oferecem-se ao potencial aquisitivo de uma população marcada pela mais desconcertante diversidade exterior, conforme o traje com que se passeia. (CARVALHO, 2005, p. 32)

Não pode haver olhar de branco ou de africano ocidentalizado alheio que não reconheça ali a margem acabada e animada de clichês com que a produção cultural moderna lhes configura a projecção de uma África preservada por 'milagre' e oferecida a exaltantes desfrutes, para uns, para outros, reveladora, 'para nossa vergonha', de um aviltante atraso, patente assim em alguns raros lugares que quer a geografia quer a história encravaram, como este. "Lembra a Bibala" – diz-me o Paulino, enquanto aponta o desvio para o 'lodge' do francês, a pensar na confusão de kuvalas, de nguendelengo, de mwilas de tyilengue, que todos os dias converge para a estação do caminho-de-

ferro da antiga Vila Arriaga, entre Moçâmedes e o Lubango. “São as ‘bolsas étnicas’, Paulino...” (CARVALHO, 2005, p. 33)

No que diz respeito à representação do espaço, para uns e para outros, o cenário de abertura desse capítulo pode parecer estar *fora do lugar*, mas é porque geralmente temos o olhar condicionado para o que adverte o antropólogo brasileiro W. Trajano Filho:

Buscar pelas coisas no lugar, em África e em qualquer outro canto desta parte do mundo que chamamos de pós-colonial, é refazer repetidas vezes o surrado caminho que, inevitavelmente, leva a um porto seguro onde se afirma sempre a incerta certeza de que as coisas parecem estar no lugar certo. Este é o preguiçoso caminho de casa. (TRAJANO FILHO, 2012, p. 25)

Quanto aos textos de RDC, o que poderia ser lido como *fora do lugar*, as tensões e as rupturas apresentam função importante, porque colocam em perspectiva os espaços. Em vários trabalhos, inclusive aqueles dados como não-ficcionais, o autor preocupou-se em revelar as dinâmicas sociais ao redor da cidade, demonstrando isso, por exemplo, em seu trabalho acadêmico, realizado nos anos 80, junto dos pescadores axilulanda (CARVALHO, 1989). Lá ficava já demonstrado como a economia coletiva e a criatividade continuavam a se estabelecer no perímetro além do centro de Luanda, num momento de mudanças relacionadas à política econômica angolana, que alteravam as relações no núcleo da cidade, em uma tentativa de homogeneização partidária. Um excerto de *Actas da Maianga*, recuperado da crônica “Luanda e o resto”, ajuda a refletir sobre essa questão dos espaços de poder:

Chego a Luanda e muitas pessoas, na rua, me olham admiradas e, chegando à fala, me dizem, de chofre, que para eles eu estava era em Lisboa, de bolsa ou de úlcera, levada daqui ou aí criada, a ajustar os ossos, saudades, casacos, livros ou contas e a cuspir para o ar... Digo que não, que estive no Namibe, primeiro, e depois foi pela Huíla que andei, e mais tarde pelo Huambo, e agora vamos ver se dá para parar (e para escrever) um pouco./ Para muitos de nós não estar em Luanda só pode ser estar fora do país, não ocorre que há cá dentro.(...) Eu, cá para mim, há coisas que entendo capitais para o destino de Angola, e do nosso nela, a que só tenho acesso ao encontro da substância delas fora da Mutamba, quer dizer, da avenida da Assembleia Nacional, ou dos corredores dos Ministérios e das organizações internacionais. Mesmo dentro de Luanda sei coisas de Angola que para chegar lá preciso lá ir e quem lá for vai dizer que está fora de Luanda. Há de sentir uma distância (estrutural, aquela

que não se mede em quilômetros mas em práticas, quero dizer, em expressões de vida) capaz de situar qualquer compatriota dali tão longe da Mutamba e da cidade-alta quanto qualquer outro, nalguma qualquer comuna perdida na mata, numa dessas matas. Elites por elites, nas províncias também tem. (CARVALHO, 2003, p. 90-92)

Noutras palavras, as dinâmicas entre grandes centros e pequenas comunas são fundamentais para que se possa observar em que termos isso se articula na matéria literária de RDC e clarificar melhor o tipo de representação da qual se trata aqui, ou seja, mesmo que o foco de análise recaia mais na cidade colonial, como se verá adiante, o estudo visa compreender como a experiência nesses espaços é recuperada na ficção; daí o caminho dialético, inevitável, por onde, na volta, a experiência e a História andam juntas.

*

Primeiro, interessa observar um *costume velho*³ do autor, que se ancora nas suas agonias literárias e acadêmicas, uma vez que, em algumas de suas narrativas, a cidade de partida é Londres. Pensando na recuperação da experiência do autor, não é por acaso que, nos anos 1970, tenha feito os primeiros estudos de cinema nessa cidade e, pelo que consta, ao longo de sua existência, foi ávido leitor da literatura de língua inglesa, o que coloca essa cidade como um lugar especial no percurso de sua experiência. O que é diferente, se quiséssemos compará-la, por exemplo, com o espaço ocupado por Lisboa, que via de regra é apenas um ponto de passagem, atestado pela expressão “órfão do império”, na sua experiência pessoal; por isso, se decepciona quem espera por incursões relativas à Casa dos Estudantes do Império, saídas clandestinas por Paris, entre outros *loci*, com os quais o leitor de literatura angolana está familiarizado; o *front* desse autor é outro.

Apesar da ressalva, vale percorrer os momentos disparatados em que a metrópole portuguesa é representada em sua ficção, como se vê na estória de Alves Reis. Inseridas a meio de *Os papéis do inglês*, estão as muitas peripécias da personagem vinda de Lisboa, com um diploma falso de engenheiro de Oxford, e chegado em Moçâmedes⁴, nos idos de 1917. Foi recebido com honras e estava “à beira de se tornar accionista maioritário do próprio Banco de Portugal”, além de já ter criado o banco *Angola e Metrópole*,

isso por volta de 1924. Toda a falcatrua armada foi de fato conseguida, de acordo com o narrador⁵,

com verdadeiro dinheiro português fabricado em Londres numa das casas mais reputadas do ramo, a Waterlow & Sons, com sede no número 26 da Great Winchester Street, onde hoje são as traseiras do Deustch Bank (fui lá ver da última vez que passei por Londres), a partir de documentos falsos, todos eles obra do imenso talento de falsário e da apropriadíssima inteligência de que se sabia apetrechado. (CARVALHO, 2007, p. 68)

Como se pode imaginar, o golpe teve dimensões para abalar a economia portuguesa. Vista em perspectiva, essa personagem representativa dos descabros de uma época vem a calhar na sequência de episódios, e não é fortuita por parte do autor. Está ali para deixar à mostra os fundilhos do império e suas ligações com a malha do capital britânico. Ademais, preso e julgado nas devidas proporções do escândalo em torno do montante calculado em 350 milhões, em 1995, Alves Reis faz figura, ao menos no romance de RDC, de um doce bandido, para quem os vários negócios escusos tinham mais o sentido de “buscar todos os tesouros do mundo” (CARVALHO, 2007, p. 70). A dose canalha e teatral de Alves Reis fica bem posta em passagens como esta:

Da actuação de Alves Reis em Angola constava a recuperação miraculosa, logo após a sua chegada, de seis locomotivas dadas como arrumadas e depois, mais tarde, ganha estatuto de herói quando lhe são feitas críticas por ter importado material excessivamente pesado para as pontes de Angola. Reage como convém. Sobe para cima de uma das máquinas, com a mulher e os dois filhos, sem mais ninguém, e condu-la ele mesmo através de uma dessas pontes, perto de Luanda. (CARVALHO, 2007, p. 66)

Em contrapartida, a representação que emana de Lisboa em torno das ações de Alves Reis é constituída por um sujeito indeterminado ou inexistente (“é então que o chamam”, “a pretexto de não lhe darem acesso”, “colocado nos Caminhos de Ferro”, “não tardou a ver-se investido nos cargos de”, “ocupava-se de negócios e comissões” (CARVALHO, 2007, p. 65-66). A personagem *oculta* representada pelo emaranhado colonial ajuda a entender o caráter contraditório do poder, que, opressor em terras africanas, faz saltar à vista sua

ausência de compreensão em relação ao que se passava nas colônias e aos seus próprios cidadãos, os portugueses. Do contrário como acreditar, guardadas as devidas proporções dadas pelas fontes, que um homem se passa por engenheiro, assume cargos de Director Interino dos Caminhos de Ferro de Angola e de Director e Inspector de Obras Públicas, daí passa para os negócios privados (mineração, cerveja...) e, ao fim, emite moeda falsa? Uma vez que a etiqueta fosse elegante, como a de Alves Reis, as vistas eram grossas, mesmo que mais adiante isso resultasse em prejuízo colossal e descrédito das autoridades coloniais, que, desnudadas em tribunal, são salvas pelo fato de Alves Reis assumir sozinho a culpa de tudo, como um bom moço, que não era. Mesmo sem a descrição mais específica dos espaços citadinos, de fato, ao mesclar dois processos (as voltas do falsário e os disparates metropolitanos), o autor constrói uma dinâmica sinuosa entre Lisboa e cidades angolanas (Luanda e Moçâmedes), de onde se infere um contexto histórico para que, em perspectiva, se observe as ressonâncias do Império Britânico, não tão somente nas cidades coloniais, mas também o resultado a longo prazo nas cidades pós-coloniais, como percebe bem o leitor no desdobramento da narrativa de *Os papéis do inglês*, no presente de 1999/2000. Desse modo, ao cabo de um certo número de episódios, há duas Londres reelaboradas pelo autor, uma é fruto de seu repertório de leitura e a outra resultado de seus deslocamentos. Em ambos os casos, e com grande frequência, o narrador se utiliza dessas experiências para irrigar a malha textual.

*

Bem antes d'*Os papéis do inglês*, esse procedimento podia já ser lido em *Como se o mundo não tivesse leste*, contos de 1977, ou ainda em *Vou lá visitar pastores* (1999). Na primeira, vemos a função do repertório de leitura na reelaboração de elementos, a modos de Conan Doyle e de atmosfera *noir*, com os quais somos avisados de que tudo se escreverá, e os casos se desvendarão, em uma noite, o que proporciona a ambientação inicial em uma de suas histórias, "As águas do Capembaúa":

Em 197... eu estava em Londres, ocupado em aprender a classificar peles de ovelhas caracul. Morei primeiro em Ladbroke Grove em Notting Hill Gates antes de mudar-me para Evelyn Gardens, entre

Kensington e Chelsea. Data daí a minha descoberta do “Troubadour”, pequeno café em Old Brompton Road./ Consultava semanalmente um magazine, de quinta a quinta, o preenchimento dos meus tempos livres, que na verdade eram muitos, limitadas que estavam as minhas tarefas ao acompanhamento de leilões trimestrais numa grande empresa de peles da City. Em busca de “African poetry” acabaria por introduzir-me, no decorrer de uma fria tarde de inverno, em certo cubículo sombrio, atulhado de espelhos e velhos utensílios de remoto uso agrícola e doméstico. Acabava de entrar no que passou a ser o coração de Londres. Descobriria mais tarde os pubs de Fulham Road, onde me sentia como em casa, mas nunca mais quebrei uma devotada fidelidade ao “Trobadour”. (...) Ao meu dispor, diariamente, a mais bizarra galeria de figuras desfrutável em Londres. Raros ingleses, alguns irlandeses, fartura de antilhenses e, sobretudo, sul-americanos. Meia-dúzia de portugueses. De Angola só duas moças, mulatas de Luanda, com quem viria a comer uma amarela feijoada de óleo. /Foi aí, precisamente, que conheci R, protagonista desta estória, numa daquelas tardes (...) a ver passar maricas encourados com destino ao bar do lado, negros da Martinica enrolados à candura loira das inglesas novas, venezuelanos tocadores de guitarra e, até, com sorte um berbere fantasiado de príncipe./ Não sei de que assunto partimos para a nossa conversa: se ser eu angolano ou estar R a preparar uma viagem para a Austrália, onde voltaria a ocupar-se da criação de carneiros. (CARVALHO, 2003, p. 17-18)

A saber, a estória de R consiste, por parte do narrador, em desvendar a morte de um sul-africano e sua improvável correspondência com a problemática da estiagem em determinado sul de Angola. Junto disso, note que, a princípio, a busca do narrador era por *African poetry*. Assim, aparecem alguns elementos que serão recorrentes e melhor apurados ao longo de sua obra, isto é, a observação daquilo que usualmente não pertence à cidade, os resultados sempre inesperados do deslocamento, diaspórico ou não, até ela. Logo se vê que a representação da cidade de Londres tende para quem se move ao redor de seu centro econômico; na passagem, os dados da geografia referem-se a uma zona não periférica. Embora seja o espaço social ocupado pelo fruto colonial, ali estão os que a ela não pertencem, “raros ingleses” e o narrador bem à vontade.

Tal qual o *pub* repleto de espelhos, Londres continuará sendo ao longo da produção de RDC um ponto para reelaboração de matéria⁶. Por isso mesmo, a maneira como se olhava para as grandes metrópoles, como a Londres dos anos setenta não é a mesma de décadas depois, a do autor também não o é, como se constata ao ler em *Os papéis do inglês*.

Aliás, antes de avançar, é necessário trazer um dado à baila para entender o espelhamento⁷ ao qual se referiu logo atrás: grande parte das cidades representadas nas duas últimas obras de RDC (*As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009)) estão situadas em antigas colônias britânicas, hoje Namíbia e África do Sul. Não seriam então os reflexos do espelho londrino? Não é para pensar na posição estratégica que assume a agressiva África do Sul em contraponto à diplomática Namíbia? E o que é que isso tem de laço com a Angola de nossos dias? Parece que a estrutura desses romances se estabelece numa geografia sul-sul, privilegiando não só os espaços em si, mas uma investigação sobre a historicidade desses espaços. Claro que o eixo de quaisquer tipos de relações havia de ser alterado ao longo do tempo, entretanto não custa lembrar que antes da partilha de África demarcar (e depois, a I Grande Guerra remarcar) os territórios que compreendem a zona austral africana, os povos dali oriundos sempre mantiveram constantes e diversas interações entre si. O fato é que são raras as obras literárias⁸ cuja trama consiga captar os efeitos das ações políticas das metrópoles coloniais sobre a zona austral, mesmo no presente do pós-independência. Além do que, os romances de RDC não deixam de lado – isso quando, no mais das vezes, não põem à frente –, uma relevante discussão acerca das dinâmicas internas entre os povos, uma vez que, quando se leem os relatórios do período colonial, é possível localizar os registros dessa preocupação, justificada pela intensa correspondência entre governadores, ministros e militares portugueses, no que diz respeito à fronteira austral⁹ e que até antecedem, em muito, ao período destacado em *Os papéis do inglês*. Daí, a multiplicação de contextos, esquematizada na fórmula deslocamento espacial e temporal, no sistema de ideias do autor.

Isso posto, continue-se observando a representação de Londres, após *Como se o mundo não tivesse leste*. Do ponto de vista estilístico, depois desses contos, vem à tona um escritor mais experiente, menos lacunar, que alcançará um alto grau de esmero e requinte até o último romance de 2009, chegando mesmo a beirar o barroquismo, no bom sentido dele. Considerando o universo de sua prosa, é válido concordar com o próprio autor sobre sua

“disposição para arquivar casos e inventar respostas” (CARVALHO, 2003, p. 21-22).

Esse processo, em que motivos são reorganizados e ajustados a novas experiências ao longo do tempo, pode ser flagrado quando se identificam as semelhanças entre o conto “As águas de Capembáua”, de *Como se o mundo não tivesse leste* (1977), e *Os papéis do inglês* (2000). Esses paralelismos entre a composição de R e de Archibald Perkins, o antropólogo d’*Os papéis do inglês*¹⁰, são a morte de um estrangeiro, a fadiga e um convite para uma comemoração entre os kuvale. A diferença importante, entre um e outro texto, é que n’*Os papéis do inglês* há um intenso trabalho de citação e de reelaboração das mesmas. O que era lacuna nos anos 1970 passa por um trabalho de preenchimento, de e(i)ntornar mediante o aparato extraliterário. Desse ponto em diante, o espaço citadino colabora para dar corpo para o que em *Como se o mundo não tivesse leste* era só um esqueleto.

Note que, enquanto procura entender as motivações da saída de A. Perkins de Londres, o narrador de *Os papéis do inglês* justifica ao leitor que nada disso era para caracterizar Perkins, mas sim para “enquadrá-lo na acção” (CARVALHO, 2007, p. 53). Ao mesmo tempo em que insinua o que poderá ter acontecido ao inglês, também deixa claro que não há verdade nos fatos, o que lemos é o inglês que o narrador peneira dentre as possibilidades das quais partiu para ficcionar¹¹. Todas elas, aliás, alinhavadas a uma atmosfera dissimulada¹², na qual o narrador insere seu protagonista, fazendo surgir o acoplamento de citação, e o mais importante, revelando os gestos que marcam a distância entre a cidade e o inglês:

O Archibald Perkins que naquele fim de tarde londrino saiu do trem para o tráfego intenso da Strand, não era ainda um homem morto mas já era um homem profundamente abatido e à beira de remeter-se ao silêncio e ao azedume, a que haveria de condenar-se até ao resto da vida. À sua volta, “canalizados pelas paredes nuas da escadaria, os homens subiam rapidamente, as costas eram todas iguais – quase como se eles envergassem um uniforme; as caras de indiferença (...) *their eyes gazing up the dusty steps; their eyes brown, black, grey, blue*, tinham todos a mesma expressão, concentrada e ausente, satisfeita e vazia”¹³. Saiu dali (...) para a ponte de Waterloo, sobre o Tamisa. / *A misty rain settled like silvery dust on clothes, on moustaches; wetted the faces, vanished the flagstones, darkened the walls, dripped from umbrellas...*Alvan Hervey, na novela do Conrad (The return) onde te estou a situar o meu Archibald Perkins, já deste

conta, não vai primeiro a ponte de Waterloo nenhuma, segue diretamente para casa (...) Via-o sem esforço, numa tarde londrina, chuvosa assim, a misturar-se com a multidão da Strand no momento exacto que antecedia a decisão de remeter-se ao fim do mundo e de si mesmo. (CARVALHO, 2007, p. 52-53)

O autor parece apreender a lição do prefácio de Conrad, para *Tales of Unrest*, “fazer ver, fazer sentir” os motivos da fadiga em Londres. Não deixa de ser relevante essa representação uma vez que a cidade, em si, “no início do século XX, recebia elites migrantes e marginais, cultivadas das várias periferias imperiais” (COMAROFF, 2011, p. 470). A Londres de então vai ali não somente para dar constituição a Perkins, mas também para discutir (por meio de uma pequena história da antropologia, no episódio 13) sobre as relações coloniais que tanto vinham marcando o destino político-econômico do continente africano, desde antes da Conferência de Berlim. Para a manutenção das fronteiras estipuladas, o Império Britânico contava com o auxílio da antropologia, ciência recente e ainda de contornos duvidosos. Para Perkins, “o conhecimento dos antropólogos deveria aproveitar então à mudança integrada e não à redutora domesticação do indígena” (CARVALHO, 2007, p. 50).

as posições que assumia acabavam por colidir com o que poderia esperar-se de alguém com o seu estatuto de fortuna e nome. E o olhar que lhe deitavam, em situações de confronto como a que acabava de passar-se [em acalorada reunião acadêmica], era o que destinariam, surpresos a um intruso, a um outsider, a um dileitante. Perkins teve outra educação e o carácter moldou-se-lhe noutros horizontes, nos de uma Rodésia propícia a que uma família como a sua beneficiasse toda sorte de privilégios (...) A *farm*, onde menino se fizera todos os dias saudavelmente descalço até ouvir uma ama negra a chamá-lo para lhe dar banho e o vestir para o jantar a que a mãe e o pai compareciam cuidados como os lordes. Lembrou-se então do seu violino, em que não tocava fazia já tanto tempo... Estava parado no meio da ponte e a reconhecer, na margem direita do Tamisa, os contornos e a luz de um poente chuvoso fixados daquele lado, há mais de 100 anos, numa famosa aquarela de Turner. Sentia-se era tomado por uma imensa fadiga. / Seguiu então dali em direção a casa para ir encontrar lá a mesma carta com que Alvan Hervey depara na novela de Conrad. É da mulher. A dizer que o abandona. Não se põem a Perkins as questões que vão pôr-se a Alvan, mas a traição da mulher vem acrescentar-se à fadiga e ao desencanto a que as questões académicas já o tinham conduzido. (CARVALHO, 2007, p. 53, 54 e 56)

Sua postura exemplifica uma experiência histórica, em que o sujeito se depara com sentidos contraditórios do ideal civilizatório, cujo símbolo em termos de espaço é a grande cidade, a metrópole colonial, que se opõe ao Outro, oriundo de um espaço em que os recursos naturais servem, por sua vez, aos interesses econômicos do sistema colonial. No caso do inglês Perking, a perversidade do processo ilustra um evidente conflito de classe. Mesmo sendo filho de um rico minerador, recém-casado e bem situado na academia, a atmosfera londrina é, para Perking, a de mais completa estranheza.

Não se pode deixar de lembrar que não deve haver nada fortuito na escolha da obra de Conrad, já que no momento em que esse escritor chega a Londres, sendo ele de origem polonesa, e vindo de um percurso de viagens marítimas, bem a par do que projetava a imagem do império, está também ele às voltas com um contexto literário em que esse tipo de conflito está em debate. “Assim, essa expansão das relações que governam a vida nacional para além de suas fronteiras implica o fato de que um segmento fundamental do sistema econômico está localizado além da experiência concreta da comunidade.” (SOARES, 2013, p. 131)¹⁴. Talvez por isso façam tanto sentido as passagens citadas da novela de Conrad, pois, uma vez ali remodeladas, reafirmam os efeitos da confusão e da fadiga existencial de que sofrem os homens em uma grande metrópole europeia. Ainda assim, aquilo que aparentemente não tem explicação pode justificar o suposto desatino do homem que se tornará um caçador na região do Kwando Kubango por mais de quinze anos, contrariando, assim, a direção do destino de seu estrato social de origem: do centro do mundo para o que então se designava terras do fim do mundo.

*

De modo análogo, um tanto da condição de Outro em uma comunidade nunca deixou de ser a do próprio RDC. De nascimento português, vem para o Sul de Angola, na então Moçâmedes, ainda na infância; com a independência, torna-se cidadão angolano. Interessa daqui em diante investigar o lugar significativo que a então Moçâmedes ocupa nesse mapa de representações.

Veja, a seguir, como, logo no primeiro capítulo de *Vou lá visitar pastores*, a cidade é apresentada:

O mar ainda, quando saíres do aeroporto e chegares à cidade. Entre o deserto e o mar, assim, impressiona. Vais encontrar talvez o que é hoje a cidade mais preservada de Angola. A guerra, propriamente dita, não passou por lá. As chagas que lhe encontras são casas de adobe que perderam o tecto e que a chuva, rara mais forte quando chega aqui, vai diluindo, estação após estação. São casas antigas de traça algarvia (...) Foram numerosas e muito activas, as colónias pesqueiras portuguesas que vieram cá instalar-se, (...) quando o comércio e a agricultura dos vales do Bero e do Giraul, (...) deram conta do manancial de peixe que a corrente fria de Benguela lhes garantia. (...) Aproxima-te da praia segue pelo que é hoje a marginal (e foi antes a falésia da Torre do Tombo), chega-te ao porto-comercial, encostado à ponta do Polo Sul (...), detém-te no porto-pesqueiro. Sentirás o cheiro, sobretudo, do peixe seco que é vendido ao lado, e é esse o cheiro omnipresente e grato que guardo daqui, na infância. Peixe seco cheira bem, quando ele é bom, dizem os naturais do Namibe. (CARVALHO, 1999, p. 17)

(...) Moçâmedes sempre foi terreno propício a afirmações identitárias fundamentadas na anterioridade da chegada. É esse hoje o caso dos descendentes de kimbares e era até à independência o dos portugueses de quem os antepassados tinham constituído as duas primeiras colónias de comerciantes chegados do Brasil, de Pernambuco, em 1849 e 1850, na sequência da agitação nacionalista conhecida na história brasileira como “Revolta Praieira”, que os perseguiu e acabou por expulsar. (CARVALHO, 1999, p. 19)

É evidente o acentuado interesse na historicidade do espaço, como foi dito mais atrás. Na sequência, se verá que o intuito inicial era situar o amigo, por quem o narrador espera, no contexto do qual quer de fato inseri-lo: os pastores kuvales, logo ali enquadrados, enquanto circulam por um mercado local (CARVALHO, 1999, p. 20-22). Contudo, no que diz respeito a Moçâmedes, parece haver também uma certa candura que remonta aos tempos de infância; as impressões são muito mais sinestésicas, enfim líricas, o que condiz com quem daquele espaço espreita a experiência. Não é também que o autor reduza a cidade a um quadro memorialístico, ao contrário, a passagem elucida a inserção da cidade em uma dinâmica que a antecede.

Nessa representação da cidade, o que interessa destacar é o “gesto de encarar o passado como um local em que se fundam os condicionamentos do presente”, como muito bem define Rita Chaves (2009) em “A narrativa em Angola: espaço, invenção e esclarecimento”. Tal exercício, mais pontual ao

redor de Moçâmedes, reaparece em *Os papéis do inglês*, cujos episódios 16 e 17, como vimos anteriormente, tratam da burla de Alves Reis. (É o momento em que o enredo é reelaborado, mais uma vez, e a estória de A. Perkins apresenta a construção da personagem do Conde d'Artois, o belga, assim como a do Grego, abatido pelo antropólogo mais adiante):

Posso mesmo tentar referi[r] ao lugar que Angola (mãe cativa de uma prole ansiosa mais dada à praça que à casa) e Moçâmedes (tensa pele de boi seca sem sal) ocupam nela e transformá-la numa estória angolana (...)

Alves dos Reis já antes, em 1917, tinha vivido em Moçâmedes (a das pálpebras dos rios rasgadas na frente do nada)

Mas em Moçâmedes (a do hálito de sal, às seis da tarde, em julho)

[A] tal Companhia Mineira do Sul de Angola que o há de trazer novamente a Moçâmedes (a do meio-dia despovoado e ocluso)

Um ano depois, apenas, já Alves dos Reis estava a voltar a Moçâmedes (a que indiferente atenta e nunca esquece)

Quando chegou em Moçâmedes (a rasa)

[D]epois da triunfal visita a Moçâmedes (a que não diz adeus, só viu chegar)

Acaba por morrer em junho de 55 sem ter voltado nem a Angola (esfinge sem frente, portentosa e intacta) nem a Moçâmedes (o ponto e o coma de um qualquer destino) e disso se lamentou, amargamente, até à hora da morte. (CARVALHO, 2007, p. 64-71)

A solução estilística das sequências paralelas, i.e., entre parênteses, retoma um poema do autor, dos anos 1970. Ganha um tom dramático até, visto que soa como um subtexto sendo lido em coro, o que de certa forma continua a recuperar o método de seu *Lavra (poesia reunida: 1970-2000)*. É também um momento idílico em que a cidade, metonimicamente, é vista muito mais pela sua natureza física do que pela historicidade; porque, para essa última função, está lá a cronologia de Alves Reis, só que este como metonímia da metrópole portuguesa. É grande a eficácia dessa figura, uma vez que concebe a representação de maneira opositiva.

Nessa altura, é melhor deixar *Os papéis do inglês* para verificar como Moçâmedes é representada no último romance de RDC, *A terceira metade* (2009). Boa parte do que se apresenta na próxima sequência pertence ao episódio 5, Livro I, “De um livro e dois pós-guerras”, e tem a função de apresentar ao leitor a entrada de seu protagonista no mundo do trabalho, na então cidade colonial, delineando assim o percurso do mucuísso Trindade.

Repare-se que, novamente, o sujeito é identificado com a cidade, entretanto não é dela originário, não é um pastor kuvale, muito menos branco colono. Ao longo da vida de Trindade, Moçâmedes será um ponto de onde faz acertos para sua inserção como cozinheiro de acampamento, considerando a sua condição social, um trabalho bastante liberal, num tempo nada dado ao labor remunerado em Angola. A seguir, leem-se suas primeiras impressões contadas ao autor sobre Moçâmedes.

Trindade situava naquela exaltada parte de [seu] percurso que tinha feito de regresso ao hotel onde ia passar a fazer serviço [de aprendiz] de cozinheiro, quando depois de já terem ultrapassado nessa altura sempre olhando de cima, do alto da falésia e à esquerda, o porto pesqueiro com o cheiro dele e centenas de barcos em baixo e o bairro da Torre do Tombo em cima do platô, com uma enorme construção de madeira do lado da mão direita, o hospital já só sozinho no meio dos areais, e de ter ficado a saber daquelas construções desgarradas que eram a igreja de Santo Adrião e o palácio dos governadores que tinha levado mais de trinta anos a ser acabado, atingiram por fim a descida que acompanha os contrafortes da fortaleza de S. Fernando e daí para a baixa que encosta à praia da baía até alcançar a foz do Bero, com as lagoas que tem lá no fundo e os olivais depois, das hortas, por aí adentro..... foi de lá que o Trindade pôde enfim apreender a quadrícula esfarrapada da cidade alinhada dos brancos, espalmada e espalhada, cheia de intervalos, pelo deserto acima, e o buraco da sanzala compacta de negros entre bairros do Forte e da Nação, e mergulhar depois, muito decidido, nessa metrópole de fronteira *com hálito de sal às seis da tarde, em julho, onde não é a terra que vem ter ao mar o mar é que encosta nela, nessa cidade rasa que não diz adeus, só vê chegar, a que indiferente atenta e nunca esquece e é o ponto e é o coma de um qualquer destino (...)* (CARVALHO, 2007, p. 71-72)

O recorte do excerto foi feito com o intuito de privilegiar a cidade colonial na sua arquitetura de conjunto. É curioso observar como, salvo erro, quase não existe a figuração de Moçâmedes em obra literária angolana, da forma como se lê neste capítulo, embora diversos trabalhos de outras humanidades tenham tratado da questão¹⁵. O fato de ter sido criado ali deve ter chamado a atenção do autor para essa ausência de representação, mesmo que tenham sido relevantes as dinâmicas ali estabelecidas desde o século XIX. Porém, no excerto há algo mais latente: dado o plano geral dos prédios que caracterizavam quaisquer cidades coloniais, nessa há o tom mais algarvio, “quase vazia de gente, aquela costa toda deserta do sudoeste da África desde Benguela até ao Cabo da Boa Esperança” (CARVALHO, 2007, p. 70). Assim,

percebe-se uma peculiaridade na descrição, talvez a posição social intermédia de Trindade a provoque: não é mais nem menos positiva a disposição das casas dos brancos em relação à sanzala dos negros, apenas dá a atender que a última é concentrada e a primeira esparsa.

Claramente, o que há é uma divisão entre elas, como infelizmente convinha à época. A propósito disso, para olhar além da panorâmica e para dentro de um espaço da cidade, também são marcantes as cenas de Trindade ao se deparar com um outro mundo, o do cinema Eurico, esse era o pouco de lazer que poderia ter em Moçâmedes. Quando, do início de sua juventude, o flagramos reunindo suas parcas gorjetas, além dele mesmo costurar uma roupa só para isso, e “pagar o preço de cada sessão, para preto, (...) como os outros espectadores de pata rapada e primeira fila” (CARVALHO, 2007, p. 76-77). Mas de volta à arquitetura do conjunto, a conotação é de um espaço onde impera o areal que envolve ambos os planos, a natureza do entorno entre brancos e negros parece ter o poder de controlar seja o *buraco* ou a *quadrícula esfarrapada*. No fecho, vai o autor para a autocitação, i.e, a mesma passagem de *Os papéis do inglês* vai ali agora em forma de prosa, e ajuda a confirmar a presença da força do deserto e do mar sobre a cidade.

Um pouco a seguir, vamos encontrar Moçâmedes em plena “euforia colonial”. Atente para como o autor fisga o interesse do leitor que, confiando no título do capítulo “De um livro e dois pós-guerras”, acredita que o enfoque seja na I e II Guerra Mundial. O choque consiste em trazer, para a estrutura literária, uma outra leitura do tempo histórico:

.....essa foi uma época em que desembarcou em Moçâmedes muito engenheiro e muito doutor, para aproveitar a dar ajuda aos portugueses..... Moçâmedes vivia nessa altura, segundo o perspicaz e sucinto comentário do nosso herói quando referiu essa época na conversa que teve com o autor, um tempo que era os de dois marcantes pós-guerras em simultâneo, embora a maioria dos povos ali, quer brancos quer pretos, talvez jura-se que dificilmente estaria a dar conta fosse do que fosse.....era o pós-guerra das rusgas de extermínio feitas aos mucubais [kuvales], com o remanescente deles a voltar da deportação a que tinham estado sujeitos nas ilhas de S. Tomé, e era o pós-guerra de uma guerra imensa, muito maior, em que os brancos se tinham envolvido uns contra os outros lá nas europas deles.....mas foi com um sagaz e irónico sorriso que o Trindade referiu que muitos desses engenheiros e doutores chegaram até Angola a coberto do famoso Plano Marshall [1947-

1951], que foi uma ajuda dos americanos quiseram dar aos europeus(...) Trindade já servia nesse hotel fazia certo tempo, que chegou a Moçâmedes um engenheiro que era especialista em pesquisa de águas subterrâneas e vinha de Tuckson, no Texas¹⁶ (CARVALHO, 2007, p. 73-74)

Lendo *A terceira metade*, no todo, e comparando com essas duas passagens a respeito de Moçâmedes, fica difícil não lembrar do velho oeste americano. Da cena de um filme de Wayne, tirem os índios e coloquem os povos do sul angolano. Imaginem como o extermínio de ambos se dá em prol de uma colonização expansionista, promovida por força militar, e não será difícil visualizar o Monument Valley e o rio Colorado, colado ao Rio Bero ou ao Giraul, às falésias. O aparente vazio da natureza que justifica, para o governo americano, a invasão de território¹⁷ também serve de argumento (descabido, claro!) para a marcha colonial portuguesa (atrasada, diga-se de passagem!). Naquele tempo, Moçâmedes – como *metrópole de fronteira* – reorganiza-se com a chegada dos técnicos estrangeiros. Sim, todos na corrida *do ouro*, ou o que quer que fosse. Como, décadas antes, assim estiveram os muitos Alves Reis. Repare-se que mesmo a disposição física dos prédios coloniais (igreja sozinha, palácio lentamente construído...) dá a noção de um tempo fora do tempo (nem brancos, nem negros davam conta do que quer que fosse...), antes do estalido que causará a nova vaga colonial após-1945.

A diferença é que no texto de RDC obviamente não se eleva o expansionismo colonial, pelo contrário. Trazer a representação da cidade e suas articulações históricas é promover a discussão das relações inesperadas, ou não, ao redor de tais espaços, não por ação meramente reparadora de um passado obliterado, mas sim para colocar em evidência os meandros das similaridades e contiguidades em curso. Note-se, por exemplo, como essa referência ao Texas coloca na cena a presença de um imperialismo bastante semelhante àquele que emanava de Londres anteriormente. É nesse dado momento que os EUA, na euforia também dos anos 1950, armará seus principais mecanismos de coerção fora de seu território, como se sabe, o plano Marshall foi apenas um deles. Todavia, as contiguidades entre Moçâmedes e as cidades do meio oeste americano são construções que cabem ao leitor realizar; o autor apenas dá o caminho, quando insere no Livro II, desse último

romance, os episódios IV e V, escritos em Berkeley, Califórnia. Ou ainda quando o protagonista Trindade lê, pelas mãos do tal engenheiro, o livro do americano Mark Twain, *Huckleberry Finn*, e a discussão evolui “a propósito do núcleo colonial algodoeiro de Moçâmedes” (CARVALHO, 2009, p. 234), no último quartel do século XIX. *São muitas as pontes*, diria o próprio autor.

Para finalizar, já que o foco acabou por adensar mais a representação da cidade colonial, talvez valha mostrar como Moçâmedes torna-se Namibe. A intenção é observar como o romance se estrutura em seus pontos de viragem. Às vésperas da independência, qual movimento encontramos nesse espaço? Seria flagrante o movimento que proporciona a inversão de equilíbrio, denominada por J. Comaroff, no início desse texto?

.....de Moçâmedes onde andavam a viver nessa altura a euforia desses anos dos concursos de misses, de hóquei-em-patins e basquetebol feminino, e programas de rádio, e farinha de peixe, e safaris, de que eram campeões a nível de império.....foi quando a coisa começou mesmo a agitar (CARVALHO, 2009, p. 189)

.....mas logo a seguir, quando os presos das cadeias começaram a ser libertados, até em Moçâmedes, com gente saída do campo do Bentiaba, do São Nicolau, velha colónia penal, e dos desterrados dos Tigres e da Foz do Kunene, passaram a pulular ativistas políticos, alguns mesmo que a gente sabia condenados por crime de delito comum e saíam agora de lá com o estatuto de prisioneiros políticos, militantes, todos, de um dos movimentos de libertação (CARVALHO, 2009, p. 191)

.....a tal componente étnica que todos achavam ser melhor ignorar, jogou logo, é evidente, à partida.....tinha em Moçâmedes muita população nativa mas de fora, por essa costa piscatória toda e mesmo afeta a outros serviços, incluindo o doméstico, servindo os brancos, mas a maioria era pessoal contratado, kilengues e munanos, que foi sendo, com o seguimento do processo, devolvido à sua origem, não contava para essa vigorosa militância local emergente.....contava sim a população kimbare.....[....]instalado e integrado muitas vezes com negócio ou atividade, ofício, próprios, em núcleos coloniais antigos, sobretudo na costa, (...) de onde haveriam de emergir, por sua vez e depois da independência, quando a quase totalidade dos brancos foi embora, os contornos de uma nova elite local.....(CARVALHO, 2009, p. 191-192)

.....e quanto ao resto das populações à volta, contavam sim sobretudo também os mucubais.....e quanto a esses o Trindade tinha assistido a um comício em que vieram os camaradas chefes de Luanda (...)em que eles se tinham apresentado em verdadeiro pé de guerra, e às centenas, para apoiar o mesmo movimento de libertação que calava ao coração dos kimbares mobilizados pelos ex-prisioneiros do Bentiaba e de que seguramente estariam a ouvir falar,

tal como dos outros, pela primeira vez na vida.....aí entrava já essa estória de contas antigas de guerras pastoris (CARVALHO, 2009, p.192-193)

encurralad[o] agora perante a confirmação daquilo que fazia muito tempo andava a discernir: a consumação de uma inviabilidade, a consumição de um troço da história do mundo, o fim de uma precária continuidade colonial e do lugar dele num processo assim.....era a hora da virada que tinha lhe calhado.....para a da geração de seu pai tinha sido a do impacto da instalação colonial.....(...) não tinha motivo algum para apontar a Moçâmedes, e até nem lhe convinha lá ir, tinha ficado (...)a saber demais, e a coisa ali estava por um lado cada vez mais preta, com os movimentos cada um a ver se alargava até ali a incidência exclusiva do domínio militar que cada um já tinha conquistado em outras províncias no resto do país.....e estava por outro branca de pavor, com os portugueses a ver se conseguiam, in extremis, agarrar-se a um ou a outro dos dois movimentos que não eram tidos como 'comunistas', e a não hesitarem já em desafiar e insultar as próprias autoridades portuguesas que os estavam a deixar cair.....era o princípio do fim, com a invasão dos sul-africanos e o próximo desmantelamento daquilo tudo daí uns escassos meses só,(...) a Moçâmedes mesmo só voltaria muitos anos depois.....(CARVALHO, 2009, p. 197-198)

.....daquela situação que à volta ia ebulindo, (...) de Moçâmedes e de Porto Alexandre foram sabendo que traineiras superlotadas de famílias brancas levantaram ferro para África do Sul, para Walvis Bay, outras para Portugal e para o Brasil.....em Namacunde na fronteira, juntaram-se milhares de portugueses à espera que da parte de baixo lhes viessem dar ali algum socorro enquanto outros, atentos ao particular da situação e ao que parece saídos também de Moçâmedes, jovens leões destes matos do sul, produção exclusiva ali, aproveitavam a aflição da turba tuga e compravam-lhe de tudo, mobílias, automóveis, para traficar depois do lado de lá e entrar em Windhoek com sacos a abarrotar de dinheiro, perante a estupefacta admiração de aturdidos e maravilhados gerentes de hotel a quem pediam para resguardar-lhes em cofres seguros aquela fortuna.....e quando os sul-africanos já vinham avançando e os últimos colonos da cidade procuravam alcançar em chatas a remos ou à vela os rebocadores portugueses que os aguardavam ao largo, dentro da baía, foram perseguidos por um daqueles movimentos em que por não serem seguramente 'comunistas' tinham feito mais fée quem acabou por lhes salvar nesse transe, no fim das contas, foi tropa da dissidência do leste que já tinha sido daquele que eles mais temiam, afinal.....os sul-africanos, esses tinham passado para cima, com carros de combate e armamento a sério, para acabar por alcançar quase até Luanda, já nas vésperas da independência.....mas aí também já os cubanos lá estavam.....iam começar, explícitas, neste novo território nacional, as guerras dos outros de que Angola viria a ver-se livre mais de um quarto de século depois.....(CARVALHO, 2009, p. 199-200)

Pela passagem (extremamente longa, mas justificada pelo fato d'A *terceira metade* ser obra pouco conhecida), pode-se vislumbrar o mapa das novas representações se formarem, através ainda da ótica de seu protagonista,

e, com jeito de uma ampulheta virada, a cidade antiga se esvai, já que as ações dos atores nesse espaço adquirem novos intuitos. Nada fica de fora do turbilhão que toma o espaço-tempo da cidade de areia. O que, em suma, é dizer que, em debandada para todas as direções, pelo mar, para cima e principalmente pela fronteira sul, a comunidade centenária deixava para trás a antiga colônia penal, o velho núcleo branco algodoeiro e a indústria da pesca efervescente. Além dos poucos brancos que ficam, as novas conformações colocam os kimbares como elite local¹⁸; os pastores kuvales, que não pertenceram ao exército colonial, estão em aliança, até hoje mantida, com o MPLA, na medida do conveniente, para que seu gado seja protegido. Não há nenhuma nostalgia, apenas a compreensão de que o momento político movimenta o jogo; não é estar fora do lugar, e sim mudar de lugar. Para Trindade, é urgente mudar. Toda a gama de construções refeitas à beira da independência clarificou, por ex., o papel da vizinhança sul-africana, ainda a do Apartheid, ávida por um espaço que há muito esperava ser alargado, aliás, desde a saída dos alemães ao fim da I Guerra. Em meio disso tudo, os processos econômicos e políticos são rompidos, novas funções acionam o sistema de desenrasca¹⁹ nesses espaços.

Se pensarmos no papel que exercem as metrópoles coloniais (Londres, Lisboa), ou ainda um centro de poder como Luanda, não deixando de passar por uma metrópole de fronteira como Moçâmedes, à volta da qual orbitam as pequenas comunas (sejam em Angola ou na, hoje, Namíbia), notaremos que os romances de RDC privilegiam o movimento, como destaquei no primeiro parágrafo desse texto. Inerente nas obras, o sistema de pensamento do autor o concebe como um elemento estruturante, armando para que se torne alicerce do enredo. Ora, ao menos literariamente, para que haja o movimento, como estrutura, é necessário haver espaço. Por isso, a condição privilegiada das perspectivas demonstradas, nos dois romances em foco, já que alternadas as ações das personagens, a pauta do enredo, que muitas vezes parece estar à deriva, consiste em transformar o aparato histórico-político em matéria viva do romance.

NOTAS:

1. Bolsista de pós-doutorado Fapesp/USP, sob supervisão da Profa. Dra. Rita Chaves, com o projeto: *Experiência e História na trilogia Os filhos de Próspero*, de Ruy Duarte de Carvalho.
2. A autora doravante tratará o nome de Ruy Duarte de Carvalho por RDC.
3. Embora não seja o foco de atenção nesse texto, as cidades brasileiras também podem ser flagradas em textos de RDC. Para indicar os sentidos da expressão “costume velho”, veja-se o *Desmedida. Luanda - São Paulo - São Francisco e volta. Crônicas do Brasil*, especialmente o capítulo intitulado “Sebo”, de onde o autor sai munido de livros que possam conter suas “escaladas de ansiedade bibliográfica” (CARVALHO, 2006, p. 45). Chamo a atenção para isso, não só pela voracidade das leituras, mas para o efeito propulsor que essas leituras têm nas narrativas. Após reconstruir parte da História da cidade de São Paulo, por exemplo, o autor assim justifica seu interesse na “cultura de fronteira”, que também continua a se desenvolver nas relações entre os espaços de Angola e Brasil, da seguinte maneira: “Subalternidades simultâneas, embora diferentes, no mapa planetário do passado, global do presente e uniformizável do futuro” (CARVALHO, 2006, p. 43). Mais adiante, dentre os inúmeros exemplos que vão se desdobrando, podemos destacar um que é relevante para o que se pretende com a representação das cidades em sua obra: “É aquilo que eu chamaria de fluxos ao contrário e gostaria de ver alguém mexer com isso desde o princípio até alcançar o tempo em que esses portugueses que fundaram Moçâmedes foram expulsos de Pernambuco, muito tempo já depois de o Brasil se ter tornado independente, porque o comércio todo continuava ainda na mão deles e os brasileiros estavam a achar que esse tempo já era altura de ter acabado”(CARVALHO, 2006, p. 187-188).
4. Ao longo do texto, a toponímia é alterada pelo autor, conforme o tempo da narrativa: se trata do passado anterior à independência, o termo é Moçâmedes; se nos idos de 1999-2000, é Namibe.
5. Ao longo do episódio 17, RDC faz menção, ao menos, de três fontes para a estória: um trabalho publicado em 1997, do advogado lisboeta Francisco Teixeira da Mota, “um artigo das fatais Selecções do *Reader's Digest*, [...] um romance americano editado pela Livros do Brasil, *O homem de Lisboa* [de Thomas Gyfford, 1977]. Parece que há ainda um outro romance mas nunca encontrei.” (CARVALHO 2007, p. 68-69). O romance é *O homem que roubou Portugal*.
6. Note, por exemplo, como os fatores reelaboração, leitor e espaço servem de ponto de partida para o pacto de leitura (ou de audição dos cassetes gravados e transcritos), na narrativa *Vou lá visitar pastores*: “Estava previsto acompanhar-me, para se inteirar da terra e das gentes, e olhar para Angola a partir dali, um amigo meu, fixado em Londres e repórter da BBC. Acabei por fazer a viagem sem ele.” (CARVALHO, 1999, p. 13). O mesmo ocorrendo com a dedicatória d’*Os papéis do inglês*: “Para a destinatária que se insinua no texto, com um aceno para o Filipe e a Paula, em Londres.” (CARVALHO, 2007, p. 7).
7. Textos de referência para quem queira observar melhor esse efeito dentro d’*Os papéis do inglês* são os de Anita M. R. Moraes, “Discurso etnográfico e representação na ficção africana de língua portuguesa” (In: *Revista Via Atlântica*, FFLCH/USP. São Paulo, n.16, 2009, p.173-194); e “Ficção e etnografia em *Os papéis do inglês*” (In: *Revista Via Atlântica*, FFLCH/USP. São Paulo, n. 21, p.155-172).
8. Uma obra recente de Mario Vargas Llosa, *O sonho do celta* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2011), parece conseguir percorrer tais questões.

9. Cf., por exemplo, os documentos intitulados “A situação no Sul de Angola”, no que se refere à zaria de gado kuvale e à questão cuanhama, além de descreverem os interesses coloniais inseridos na expedição de Capelo & Ivens, as relações desconfiadas com Pe. Duparquet, e missionários americanos, bem como um cenário em que se intercalam caçadores, contrabandistas e cientistas, deixando à mostra as dinâmicas externas e internas ao território. In: ANTÔNIO, M. (anotação e fixação de textos). *Angolana (Documentação sobre Angola)*. Luanda: IICA, 1971, 2 volumes. Notas de Carlos Alberto Mendes de Couto. Introdução A. da Silva Rego.
10. Conforme é assinalado na página de rosto com o título alternativo de (ou *O ganguela de coice*) “...narrativa breve e feita agora (1999-2000) da invenção completa da estória de um inglês que, em 1923, se suicidou no Kwando, depois de ter morto tudo à sua volta...”.
11. Ao longo da narrativa nos é informado que ao menos duas versões são conhecidas. Uma consta na obra *Manyama – recordações de um caçador em Angola*, do médico Luiz Simões. A outra está *Em terra de Pretos*, de Henrique Galvão. A própria estória do percurso de Galvão em Angola é por sinal recuperada e ficcionalizada. Ao ler o romance, o leitor notará que na mesma época em que o protagonista Archibald Perchings se envereda pelo Kwando Kwbango, em Angola, e comete suicídio, também ocorre a detenção de Alves Reis. Um pouco a seguir, em 1927, desembarca em Moçâmedes o jovem oficial do exército português H. Galvão, que como degredado político viria tomar nota da crônica “O branco que odiava as brancas”, como se os trilhos traçados pelos caminhos de ferro se abrissem para mostrar as simultaneidades dos processos, onde, em paralelo, supõe-se, está a construção desse romance.
12. De acordo com LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, p. 83.
13. As passagens citadas, inclusive as que estão em língua inglesa, referem-se a “*The return*”. In: *Tales of unrest* (1898), de Joseph Conrad, p. 202.
14. Para uma análise de alguns aspectos da obra de Conrad, cf. SOARES, M. “Um olhar estrangeiro em *Coração das trevas* de Joseph Conrad” (In: *Revista Lumen et virtus*, v.4,n.9, set/2013, p. 127-124).
15. O artigo de BASTOS, C. *Maria Índia, ou a fronteira da colonização: trabalho, migração e política no planalto sul de Angola*. (In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 51-74, jan./jun. 2009), embora não trate diretamente de Moçâmedes, traz uma relevante bibliografia nesse sentido. Outras referências mais acuradas sobre a história de Moçâmedes podem também ser encontradas no *post scriptum* do próprio RDC para *Vou lá visitar pastores* (2000, p. 376-7).
16. Confusão do autor ou não, Tuckson localiza-se no estado do Arizona, e não no estado do Texas. De qualquer maneira, decididamente é propositada a troca de petróleo por “águas”, uma vez que é bem conhecida a produção de “águas subterrâneas” nesses espaços do território americano.
17. Sobre essa questão, há o excelente estudo de Ella Shoat: “O imaginário imperialista”. In: *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, capítulo 3, p.141-174.
18. Em entrevista de 1998, o autor comenta que os kimbares pertencem a “uma comunidade negra diferente destas todas porque aí encontras até uma certa devoção em relação ao fado e a expressões imediatamente portuguesas, de tal modo que ninguém está de acordo que se tenha mudado o nome de Moçâmedes para Namibe.” (In: *O que não ficou por dizer...* Luanda: Chá de Caxinde, 2011, p.30)
19. Cf. PESTANA, N. *As dinâmicas da sociedade civil em Angola*. Lisboa: ISCTE, 2003, p.8 ou ainda MURARO, A.C. *Luanda: entre camaradas e mujimbo*. Tese de douramento. FFLCH/USP. São Paulo: 2012, capítulo 1.

REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Como se o mundo não tivesse Leste*. [1977]. Lisboa: Cotovia, 2003.

_____. *Ana a Manda – os filhos da rede*. Lisboa: IICT, 1989.

_____. *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia, 1999.

_____. *Os papéis do inglês*. [2000]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Actas da Maianga*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.

_____. *Lavra* (poesia reunida: 1970-2000). Lisboa: Cotovia, 2005.

_____. *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005.

_____. *Desmedida*. Lisboa: Cotovia, 2006.

_____. *A terceira metade*. Lisboa: Cotovia, 2009.

CHAVES, Rita. “A narrativa em Angola: espaço, invenção e esclarecimento”. In: GALVEZ, C. *et alii*. *África – Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2009. p. 137-150.

COMAROFF, Jean. “Teorias do Sul”. In: *Revista Mana*. Entrevista realizada por M. Cavalcanti e C. Pinheiro, tradução de T. Blanchette e F. Guimarães, edição 17. Número 2, p. 467-480. Rio de Janeiro, agosto de 2011.

TRAJANO FILHO, W. “A África e o movimento: reflexões sobre os usos e abusos dos fluxos”. In: DIAS, J. B. e Lobo, A. S. (Orgs.) *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 23-45.

Texto recebido em 23 de novembro de 2014 e aprovado em 15 de outubro de 2015.